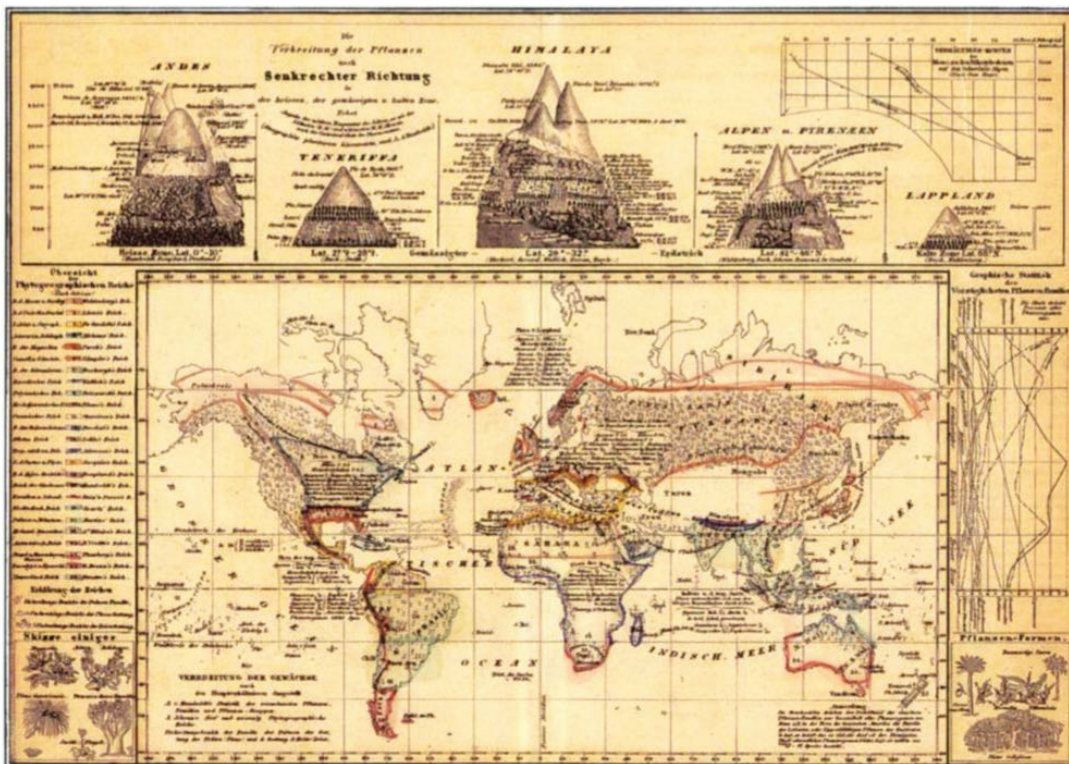


CADERNOS DE GEOGRAFIA

INSTITUTO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS
 FACULDADE DE LETRAS • UNIVERSIDADE DE COIMBRA
 COIMBRA 1995 N.º 14



AS OUTRAS GEOGRAFIAS: A LITERATURA E AS LEITURAS DO TERRITÓRIO*

Rui Jacinto**

1 - Para além da geografia: território e identidade em Fernando Namora e em obras literárias

1.1. Fernando Namora, traço de união

A geminação entre os municípios de Idanha-a-Nova e Condeixa-a-Nova dista meio século do ano em que pela primeira vez se editou o livro *A Casa da Malta* de Fernando Namora. Este autor e aquela obra podiam ser a verdadeira razão de ser dum evento que passará, também, a cimentar a aproximação entre aqueles dois territórios, que têm, pelo menos, o seguinte ponto em comum: integram-se no itinerário vivido, sofrido e sonhado pelo escritor, ficando a testemunhar a intemporalidade da sua obra.

Foi em Condeixa que nasceu Fernando Namora mas, por intermédio da sua escrita, ficará para a posteridade também ligado a Idanha. A Idanha e as suas gentes (particularmente o seu Monte Santo, qual *Nave de Pedra* carregada de mistérios e de símbolos), perpassam na obra de Namora, captadas e invulgarmente descritas por quem as viu para além das aparências: embora a planura da campina pareça transmitir uma aparente homogeneidade, os contrastes físicos e as tensões sociais são realçados e minuciosamente descritos.

Condeixa faz parte doutro espaço e doutro tempo, é um território de pertença que foi ficando cada vez mais longínquo, mas que, apesar de menos presente deixou marcas igualmente profundas. Quando o autor refere na sua Autobiografia nomes como o Dr. João Antunes (o Padre-Boi, que se ajusta na perfeição ao padre Brás da Casa da Malta), o Joaquim Melânco (“o que há de protesto social nos meus livros a ele o devo”), o senhor Gabriel ou o João Lóio, está a reviver personagens que marcaram tanto o autor como uma certa época de Condeixa, que corresponde à sua infância e juventude. Estas paisagens, as vivências das gentes e o ambiente social (como referiu, dos verdes anos lembra-se pouco de si e mais das pessoas), povoam o imaginário do escritor e acompanham-no ao longo da sua vida.

Contudo, na sua obra, as referências a Condeixa não são tão extensas como as que dedica a Monsanto ou à Beira Baixa; só numa ou noutra passagem é que se tornam mais explícitas como parece acontecer nas *Aguarelas da Vila* (Marketing, 1969). O ambiente social condeixense que perdurou até aos anos 60 é traçado com a mesma delicadeza com que as paisagens do concelho são captadas, embora numa visão mais naturalista, nos óleos dos seus conterrâneos e contemporâneos José Ventura, Melâneo ou nas fotografias de José Pinto.

Num poema daquele livro descrevem-se facetas da vila¹ comuns à generalidade das sedes de concelho integradas nas áreas rurais portuguesas, localidades que permaneciam mais ou menos imunes aos processos de mudança que varriam a Europa. As assimetrias sociais e o modo como a vila e os seus notáveis se impõem ao restante concelho são postos em evidência, no mesmo espaço em que coexistem malteses e classes populares (caixeiros, alfaiates, marceneiros e outros artífices) com estratos sociais mais elevados.

Foram estes dois mundos — Condeixa/Coimbra e Beira Baixa, isto é, o litoral e o interior de Portugal —, com o que possam ter de similitudes e de contrastes, que forjaram a identidade do autor e a que temos de apelar quando pretendemos ler a sua obra.

As efemérides que assinalai inicialmente podiam ser o pretexto único para escrever estas linhas. Contudo, outros motivos me incentivam a passar ao papel algumas reflexões que venho sedimentando. Desde logo porque, de alguma

1 “Veio para a porta da farmácia / o senhor secretário de Finanças / tiritando de frio, zangado com o frio / zangado com os pobres que lhe roubam o sol que é seu”; “o irmão era da outra Banda / e é preciso que se saiba / quem é e quem não é da “Fina Flor”; “o senhor capitão / tem três filhas donzelas / e um palácio com brasão”; “Tem pincéis, o alfaiate Simão... choupos, várzeas e arroios, azinhagas e levadas, tudo pinta o mestre Simão”; “No consultório do médico está uma senhora doente... tão doente que passou à frente do povo das aldeias”.

* Texto elaborado por altura da celebração da geminação entre Idanha-a-Nova e Condeixa-a-Nova que teve lugar em 17 de Dezembro de 1994.

** Instituto de Estudos Geográficos. Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra e Comissão de Coordenação da Região Centro.

forma, me sinto a fazer um itinerário geográfico e convival paralelo, pois, sendo Condeixa igualmente o meu universo de pertença, a descoberta acidental e recente da Idanha, pertimiu-me observar as paisagens do interior raiano com outros olhos e, por esta via, visitar e compreender de outro modo a obra de Fernando Namora.

1.2. Parageografia ou os retalhos da vida de um geógrafo

A leitura de uma obra literária, como a de outras expressões artísticas, poderá suscitar interpelações diversas e permitir múltiplas considerações, constituindo as que vamos procurar efectuar outros motivos para a realização do presente escrito.

Quando lemos algumas obras, consultamos certas monografias ou contemplamos certos quadros, somos levados a pensar que a produção geográfica pode não ser exclusiva dos encartados no ofício de geógrafo. Serão aquelas obras meros instrumentos de consulta e contemplação ou corresponderão a outros modos de exprimir uma mesma realidade, embora utilizando métodos e seguindo regras diferentes para analisar o mesmo objecto?

Perante certas paisagens, como por exemplo as pintadas por Van Gogh, não podemos ficar insensíveis à explosão de cor que emana das telas. Mas elas também nos transportam para espaços e momentos que foram exemplarmente caracterizados pelo artista, constituindo peças de uma autêntica geografia das paisagens ou mesmo, interpretando bem os traços do pintor, uma verdadeira geografia dos sentimentos: os modos de vida urbanos e rurais do final do século passado, os bairros burgueses parisienses, os campos e os camponeses do sul de França e o próprio estado de espírito do pintor desfilam perante os nossos olhos. A região da Camargue e a periferia de Arles (a paisagem humanizada com os seus campos, casas, pontes, etc.) podem ser estudadas nas paredes do Museu de Amesterdão, dedicado ao pintor.

A hipótese que sustentamos serve também para interpretar a incursão fotográfica de Orlando Ribeiro, geógrafo que captou o pulsar mais profundo da Beira Baixa com a mesma sensibilidade do escritor que temos vindo a referir. O facto de ter ombreado com fotógrafos profissionais com igual mérito, como aconteceu nos Encontros de Fotografia de Coimbra de 1994, faz-nos crer que se encontram cada vez mais diluídas as fronteiras, tanto entre os diferentes domínios do saber como entre os diversos modos de expressão artística.

Neste sentido, qualquer que seja o ângulo por que analisemos a sociedade, a articulação dos diferentes fragmentos que a permitirão reconstituir de uma forma mais globalizante passa, hoje, por uma abertura dos “especialistas” a abordagens que integrem fontes oriundas de múltiplas proveniências.

Qualquer geógrafo que procure conhecer a terra e compreender a complexa teia de relações que se estabelecem entre o homem e o meio, verdadeiro cerne da sua ciência,

tem de atender a esta situação, isto é, tem de estar atento ao tempo e ao modo das transformações sociais. Se calhar, a geografia pode ter deixado de ser exclusiva dos geógrafos, sendo cultivada informalmente por outros que não recorrem aos métodos específicos deste domínio do saber. Neste sentido, talvez possamos falar de parageografia, isto é, uma geografia ou interpretações geográficas feitas, talvez informalmente, por não geógrafos.

Pela forma como Fernando Namora descreveu as paisagens, analisou a sociedade, equacionou os seus contrastes e acompanhou tão empenhadamente a sua evolução, talvez seja legítimo perguntar se este autor não foi, também ele, “geógrafo”. Nesta medida, este é um motivo acrescido e do maior interesse para reler Fernando Namora e procurar interpretar geograficamente as suas obras pois, como ele próprio afirma, “os meus livros representam quase um itinerário de geografia humana, por mim percorrido; as andanças do homem explicam as do escritor.”

1.3. Literatura, sociedade e identidade regional

Em todas as épocas a literatura reproduz de uma forma ou doutra a sociedade² e as suas contradições, podendo a ficção reportar-se a um espaço fisicamente identificável.

Há escritores que privilegiaram certas regiões, por se sentirem mais identificados com elas ou por traduzirem de modo mais eficaz as temáticas que pretendiam destacar: as Gândaras ou o Alentejo, por exemplo, vamos encontrá-las nas obras de Carlos Oliveira (Finisterra - paisagem e povoamento, Casa na Duna, Uma Abelha na Chuva) ou de Manuel da Fonseca (Seara ao Vento, Aldeia Nova, Cerromaior). A região onde se localizam as Serras da Lapa e da Nave são hoje conhecidas por *Terras do Demo*, o que muito se deve a Aquilino pelo modo como caracterizou aquela área e descreveu o viver das suas gentes em livros como *Quando os lobos uivam*, *O Homem da Nave*, além daquele que dá nome ao “território” referenciado.

Há narrativas que nos conduzem a outros contextos geográficos e sociais ditados em função das questões ou dos processos sociais que pretendiam denunciar. As migrações (internas e para o estrangeiro) corresponderam a uma problemática destacada, tendo-lhes sido dedicadas algumas obras: Alves Redol (*Gaibéus*, *Avieiros*), Ferreira de Castro (*Emigrantes*, *A Selva*). Fernando Namora também foi sensível a este tema (*A Casa da Malta*, *Minas de S. Francisco*, *Clandestinos*), tendo até planeado outro livro, em 1966, que se chamaria *As formigas do Inverno* e que nunca concluiria.

Embora a sociedade e o território não sejam problemáticas exclusivas dos autores que referi, a sua citação fica a

2 Cf.. a este propósito Fernanda Delgado CRAVIDÃO (1992) — “Ficção, espaço e sociedade: notas para uma leitura geográfica e social da obra de Alves Redol - Avieiros”, *Cadernos de Geografia*.

dever-se apenas a um critério de afinidade, pois a maioria deles enquadra-se na mesma corrente literária — o neorealismo. Este movimento, que correspondeu a um período fecundo de uma escrita empenhada, privilegiou certos temas de denúncia social, em que os mais desfavorecidos passaram a ter voz e a ocupar um lugar, por vezes central, na ficção. Namora, então jovem, sente que é este “novo humanismo, solidário e actuante, o veículo certo para a sua urgência em estar presente num empreendimento de revisão social, só no dia em que fala dos outros e, entre eles, nos mais deserdados, sente que a sua missão começa a cumprir-se.”

Outro tipo de descrição do país foi feita por um grupo de autores que giravam em torno de Raul Proença ligado à Biblioteca Nacional e à Scara Nova. O *Guia de Portugal*, obra de grande valor que ainda hoje é uma referência, foi um projecto que recebeu múltiplas colaborações, designadamente dos geógrafos Virgílio Taborada, Amorim Girão e Orlando Ribeiro.

O país ganhou outras referências e passou a ser visto numa forma diferente graças a uma geração que o percorreu de lés a lés, procurando apreender a sua identidade mais profunda, captar de consciência despreendida o pulsar de um povo, apreendendo o seu tipicismo mas sem perda de rigor histórico e científico. Diferentes regiões e localidades do país podem ser revividas em obras de vários autores, de que apenas exemplificaremos, Jaime Cortesão (*Portugal: a terra e o homem*), Raul Brandão (*Os Pescadores*), Teixeira de Pascoas (*A Beira num relâmpago*) ou Miguel Torga (*Portugal*).

Embora estes movimentos tenham alcançado expressão, podemos-nos questionar porque motivo não contribuíram para influenciar e cimentar uma identidade regional mais arreigada.

2 - (Re)lendo A Casa da Malta: apontamentos sobre o homem e o meio

2.1. Questionar a sociedade a partir dos deserdados

Sem pretender meter foice em scara alheia, fazendo análise literária para a qual não estou habilitado, procurei tecer algumas considerações sobre *A Casa da Malta* de Fernando Namora. Esta obra, escrita há meio século, vem a propósito porque corresponde a um texto que podia constituir, como já referi, a razão de ser da presente geminação entre os dois concelhos. Embora seja o escritor Fernando Namora quem faz o traço de união entre os dois municípios, a sua *Casa da Malta* é, também, um elo de ligação, pelo modo como a realidade social, rural e profunda, tanto da Beira Baixa como da região onde Condeixa se insere, de há umas décadas atrás, parecem coexistir naquela obra.

Foi um dos primeiros livros do autor — o primeiro livro publicou-o aos 19 anos e *A Casa da Malta*, o terceiro, concluído em 1943 quando tinha 24 e editado dois anos

mais tarde —, escrito em Tinalhas em apenas oito dias, imediatamente após a sua chegada àquele lugar, coincidiu com uma mudança radical na vida do autor: deixa as origens e toma contacto com o ambiente da Beira Baixa, um universo estranho, como veio a confessar.

A Casa da Malta é uma obra bem datada e que, logo no título, define a opção do autor em captar a realidade a partir do quotidiano dos estratos mais excluídos e deserdados da sociedade, os “vagabundos, ciganos, gente do mundo que não escolhe tecto”, a gente sem eira nem beira: os malteses. Terá a condição de médico criado maior sensibilidade às assimetrias sociais e ao sofrimento humano?

A casa, por seu lado, assume uma dimensão simbólica, é o espaço de solidariedade e de coesão entre a grande família dos malteses. Talvez não devamos estranhar que, hoje, a outra escala e com outras preocupações, se fale tanto da necessidade de se edificar a casa comum europeia.

2.2. Contextos territoriais distintos, identidade de problemas

No primeiro parágrafo da obra o autor situa-nos no espaço e no tempo: “Do alto das furnas via-se o burgo dormindo; uma névoa de Primavera, fria, engelhava as casas e o arvoredo. Era dia santo, com feira no Salgueiral”. A narrativa coloca-nos na vila e no seu mercado, quais centros polarizadores de que dependem as pessoas e em torno dos quais gravitam as comunidades rurais.

Como o autor reconhece, na “aldeia de Vale Florido, nas bandas de Ansião, encontram-se personagens de muitos dos meus poemas e de umas tantas páginas de *Casa da Malta*”. O mundo vivido do escritor ainda se circunscrevia muito ao litoral (Condeixa onde nasceu, Vale Florido terra dos pais e Coimbra onde estudou), reflectindo *A Casa da Malta* um compromisso entre aquele espaço de pertença e o mundo que então começa a desbravar. O território descoberto passará a ser uma referência fundamental, onde procurará efectuar uma ruptura com o seu próprio passado, próximo ou longínquo, por vezes doloroso.

O que Namora transmite não será ainda a Beira Baixa na sua plenitude, ambiente onde começa a mergulhar. As referências mais vivas ainda pertencem à Condeixa da sua infância e adolescência, com a feira à terça e sexta, aonde acorrem os aldeões das serras calcárias de Sicó, lugares de origem de seus pais e que visitava nas férias, e os casalciros, camponeses dos casais implantados na bordadura dos campos do Mondego.

Os contrastes sociais e a dicotomia entre a cidade/vila e o campo estão sempre presentes: o ambiente citadino, Coimbra que tão bem conhece, está povoado de estudantes (“o descuido boémio dos rapazes das repúblicas”), e da coabitação entre doutores e futricas (tipógrafos, caixeiros, cabeleireiros) com as tricanas pelo meio; a aldeia encerra, por seu lado, uma mescla social com camponeses, sempre à beira de se tornarem malteses, feitores e usurários, mirando a possibilidade de, através de hipotecas, expandirem a sua propriedade.

2.3. A vila, os campos, os contrastes locais

A dialéctica entre o homem e o meio, o aproveitamento dos recursos e o modo como são socialmente apropriados não lhe escapam: “O rio! Vem da serra num fiozinho (...) Sem a rega os campos gretavam de sede e os fidalgos iam-se embora. Por isso aquelas zaragatas da Primavera às colheitas: os homens são amigos até que a semente grele da terra; (...) As casas-grandes têm o privilégio dos boqueirões.”

A serra e os campos. As paisagens. A água, fonte de vida e pomo de discórdia, alimentou disputas e demandas, gerou guerras e desavenças redimidas à sacholada ou na barra do tribunal, tornando-se uma questão tão antiga como actual³.

Embora o mundo rural tenha uma dimensão privilegiada na narrativa, a vila está omnipresente através dos seus artífices (ferreiros, alfaiates), do comércio (a taberna, a estalagem), dos instalados nos serviços (o escrivão, o médico, o oficial de diligências, o juiz) e de toda a casta de malteses que a procuram (ciganos, ambulantes, feirantes e outros migrantes).

A vila fervilha de actividade: “aí pelas oito, o comércio estaria aberto, espanejando as fazendas. As carroças dos azeiteiros da serra à porta das vendas; a fruta e o peixe vivo, ainda a sangrar maresia, na praça; a gente das aldeias trocando o dinheiro das hortaliças por saias e riscados.”

A sociedade e as disputas locais são igualmente captadas: “À vila, com as suas bandas de música e os seus teatros (ao todo, três palcos), só faltava o caminho de ferro. O visconde ainda pensou nisso; reuniu-se a Câmara; D. Mattoso, sondado na farmácia, se não adiantou, também não se negou; tudo parecia resolver-se sem melindres. Mas Lucas, como sempre rezingueiro, interpôs o veneno; às punhadas no balcão, berrou que o caminho de ferro só servia a bazófia de certos políticos; havia a estrada nacional para desenvolver o comércio. E hoje, nas tardes serenas, ouvem-se os apitos do comboio - mas lá para as bandas da Granja.”

Os ambientes sociais de outras sedes de concelho podiam ser idênticos, mas a descrição ajusta-se na perfeição ao retrato sociográfico de Condeixa daquela época, com as suas personagens típicas — “ressoava a voz cheia e timbrada do padre Brás. O padre era um ganapo endiabrado num corpo de toiro. Tinha no mundo dois prazeres: as crianças e as jantaradas” —, e a atmosfera pequeno-burguesa — “ensaios da música no sobrado do padre Brás, para as festas no palácio dos Mattosos”.

³ Veja-se a referência de António Nobre sobre Condeixa: “Velhos aldeões (...) Com o chapéu na mão, simples e bons e honrados; / Vêm consultar-nos, porque “somos advogados / E sabemos das leis...” O que devem fazer / Aí numa questão, numa questão qualquer / De águas com um vizinho”. (*Só*, 15ª ed., p. 65).

2.4. As migrações e o retorno à terra firme

O que ficou escrito neste livro é um retrato exemplar do processo migratório e de todo o universo de afectividades e de expectativas que acompanham o migrante na sua aventura. Observador atento, aponta as causas e os destinos mais vulgares naquela época, dos que se viam obrigados a abandonar as suas origens: “na sua aldeia, se o pão faltava, os homens tinham o Alentejo, a Bairrada, ou as vendas da vila, ou o Brasil”; “estamos a caminho do Alentejo, vamos prevenidos. Somos ratinhos. Vossemecês já ouviram falar em gaibéus e ratinhos ? (...) Sabia que quem não tem pão na sua terra vai procurá-lo longe.”

As migrações internas e o sonho do emigrante são preocupações centrais: o “Alentejo espera ratinhos. O Alentejo ou países de longe, onde um homem pode acabar dono também e voltar para a terra e ter falas do feitor das Lajes.”

Como agora é vulgar dizer-se, a descrição é cientificamente correcta, o que nos desculpa uma transcrição mais longa: “Ratinhos. Juntava-se aí uma dúzia de homens, às vezes ganapos à mistura, e revoavam para os campos alagadiços dos arrozais ou para os descampados do Alentejo. A Bairrada fora tempo. (...) Mas o Alentejo, enquanto houver fome e braços sem faina nas Beiras, tem gente. Tem gente que vem do mar ou das serras, gente de falas e de corpos vários, para as searas túmidas consumirem, gente despejada na campina escaldante pela estrada de ferro, como deportados, ou então pelas caravanas de carros de bois, morada ambulante dos que emigram sonhando com um poiso. Voltam mais morenos ainda, de carnes ossudas e com cinco notas cosidas no forro do colete. Um rapaz não precisava de ir às sortes para ser homem: é gente quando vai na Malta. Os ratinhos falam a uma junta de bois, enche-se o carro de farnel para toda a ceifa da companhia, e aí vão. A boroa, mesmo bolorenta, far-se-á durar todo o tempo, como o conduto de chouriço e toucinho.”

O retorno é o eterno mito do emigrante, pensando sempre como aquela mãe, que “seu filho havia de nascer na terra dos seus avós”. Mas o regresso à Terra firme (Cap. VI) deve ser de sucesso, não pode ser com uma mão à frente e outra atrás: “conseguia um patrão, mercador de fazendas (que lhe permitiria) encher os ossos e de ter uma roupa decente para regressar à vila”.

Entre as atribulações dos migrantes, a nostalgia do rincão natal ocupa um lugar especial: há “três anos que não ia à vila (...), de noite, deitado ao luar, sonhava com a sua terra”; “agora queria esquecer os desenganos, entregar-se todo ao alvoroço do regresso. Sentira, na carne, as lições de uma vagabundagem de misérias; aprendera muitas coisas e, entre alas, a amar a sua terra.”

“Todo o homem vai de passagem. A gente é como se fosse sempre a viajar neste mundo”; tal como seu pai, “viageiro de sonhos”, também não idealizamos “tornar à aldeia para um crepúsculo resignado”?